



O paraíso amanheceu outra vez em paz. Piqui-Diauá, vestido só com um cinto de caramujos, saiu pelo buraco que serve de porta da sua casa de sapé e veio espreitar o sol. Uma mulher passava, vestida apenas com um cinto de miçangas. Ia até o rio, com uma panela na cabeça e um nenê enganchado nas ancas, seguida pela filha que imitava a mãe no andar curtinho, nos cabelos longos e na nudez tranqüila. Piqui calculou que estava na hora de sair para pescar. E foi se arrumar sem pressa: o dia seria longo, gostoso, e mal havia acabado de nascer.

Piqui-Diauá é um menino índio que mora no Parque Nacional do Xingu, reserva indígena que fica no extremo norte do Mato Grosso, num lugar em que vários rios se encontram para formar o rio Xingu. Rio e São Paulo estão muito distantes: dois mil quilômetros, e ali ninguém tem consciência do que seja êsse longínquo mundo dos homens brancos.

Neste parque de terras virgens vivem 600 índios remanescentes de nove povos que há muitos séculos conseguem conviver em paz. O comércio entre eles permitiu a formação de uma cultura única, semelhante nas crenças, festas, danças, lutas, enfeites, cozinha e habitação. Só ficou a diferença das línguas que são originárias de três grandes ramos: tupi, aruaque e caribe.

O dia de Piqui havia começado às quatro horas da manhã, quando todo índio toma seu primeiro banho. Nessa hora, a mais fria da madrugada, a água, que ainda conserva o calor do dia, é quente e agradável. Depois, em casa, à beira do fogo, êle comeu meio peixe, *pacu* de um palmo, e um pedaço de beiju de farinha de mandioca que sua mãe tinha acabado de fazer em uma grande panela rasa de barro. O peixe fôra *moqueado*, assado diretamente sôbre a brasa e na fumaça. A pele estava preta, queimada, mas a carne tinha bom aspecto: sêca e dourada.

SEGUIE

Indinho brinca de índio

Texto de Carlos Azevedo/Fotos de Jorge Butsuem



Em posição de disparar Piqui procura o peixe. A qualquer momento a flecha silenciosa mergulhará nas águas calmas para ferir de morte.



Esta é sua verdade:
ele só quer ser
um menino
de rosto sereno.

Há um menino pescando nas águas do rio amigo

— Assim você acaba arranjando uma namorada — dissera Acucu, sua mãe, quando, depois de passar óleo da fruta piqui pelo corpo, o menino começou a ser pintado por Calucumã, o padraço. A tinta era uma massa vermelha, tirada de urucum, outra fruta, e ia sendo esfregada sobre a pele. O padraço fez desenhos triangulares nas costas de Piqui, pintou-lhe o rosto, o peito, os braços e as pernas. Da tinta preta de carvão o menino não quis saber porque não gosta da cor. Quando terminou, Calucumã olhou-o, sorriu aprovando, e disse num tom brincalhão:

— Como você ficou bonito, rapaz!

Foi meio encabulado, mas se sentindo muito elegante, que Piqui saiu de casa para pescar. Carregava remo, arco, flecha de matar peixe, linha de náilon e anzóis. Tem menos de um metro e meio esse grande pescador, e deve andar pelos 11 anos, mas ninguém sabe ao certo. Índio só conta até 20, nos dedos das mãos e dos pés. A unidade de tempo é lua, que é a soma das quatro fases da lua. Assim, o maior período de tempo calculado é de apenas um ano ou 20 luas.

Primeiro pescar de flecha

Piqui empurrou a canoa pequena e leve para dentro do rio estreito que se chama Tutuari, de águas claras e poços fundos. Sentado na pôpa, movimentou a canoa com remadas calmas. Estabeleceu: "primeiro matar peixe com flecha para apanhar isca. Depois, o anzol." Ficou de pé na ponta da canoa, armou o arco e começou a procurar peixe olhando a água cinco metros adiante. Piqui via os peixes que

fugiam sem lhe dar tempo de flechar. Atirou e errou algumas vezes.

De repente, parecia ter desistido. Encostou a canoa a um pé de enti, que se inclinava sobre o rio. Ficou puxando os galhos do arbusto e lambendo os cachinhos da fruta miúda, molhados de orvalho, que soltavam um mel muito doce. Silencioso como um gato o menino não perturbava a quietude do rio espelhado.

Os meninos devem brincar

Piqui remou ligeiro para alcançar um poço conhecido. O pequeno remador não é um menino comum: na sua idade os outros brincam mais e pescam menos. Os pais só exigem que aprendam o que lhes ensinam e que os obedeam. O resto do tempo, que é imenso, podem brincar à vontade. Mas Piqui perdeu o pai muito cedo numa epidemia de sarampo. Nem se lembra dele e sabe apenas que era um cuicuro, povo que fala a mesma língua caribe dos nahuquás, tribo de sua mãe.

Afinal o indiozinho acertou uma flechada violenta num piau de bom tamanho. Foi bem no lugar em que o rio estende um braço até uma lagoinha. O peixe arrastou a flecha até uma moita de capim. Piqui remou até lá satisfeito, apanhou a flecha, que tinha atravessado o corpo do peixe perto do rabo e sussurrou:

— Quase que você escapa, piau.

Mordeu-lhe a cabeça, o peixe estremeceu e morreu. Depois cortou um pedaço dele, botou no anzol e jogou a linha de 15 metros perto da outra margem do rio. Não deixou a isca afundar, quis que deslizesse à flor d'água como um peixinho.

SEGUE



Foto para álbum de família: Piqui, padrasto, mãe e irmãs.

ÍNDIO
CONTINUAÇÃO

Diauí, você chegou? Eu cheguei. Então está bom.

Era uma armadilha para **Sahundo**, o tucunaré, peixe valente que anda rente ao barranco do rio. O indinho foi repetindo a operação; não demorou quase nada para o tucunaré avançar. Piqui viu-o e parou de puxar a linha. O peixe engoliu tudo de uma vez — estava condenado, mas tentou resistir procurando um poço fundo. Não adiantou: logo estava fora d'água, se debatendo e roncando com a boca muito aberta. Era um tucunaré gordo, de quase dois palmos. Para Piqui, que conhece todas as armadilhas, pegar peixe é muito fácil.

O divórcio de Calucumã

O pensamento do menino estava longe enquanto remava compassadamente, depois de ter pescado vários peixes. Piqui gostaria de continuar descendo o rio, até a casa de Maluaré, o índio triste, que mora num ranchinho na confluência do Tutuari com o Culuene. Mas só teria ido se tivesse um companheiro para ajudar a remar na volta. Maluaré é um índio **carajá** que fugiu para o Xingu para não morrer: tinha matado outro índio e os parentes do morto queriam se vingar. Vive como um desterrado, curtindo saudades da mulher, dos quatro filhos e de Maluá, o velho pai, ex-chefe dos carajás, que está quase cego. Piqui gosta de visitá-lo porque, quando a lembrança das praias douradas do rio Araguaia o assediam demais, Maluaré lhe conta histórias lindas, lendas de sua tribo distante.

Acucu ficou surpresa de ver seu filho voltar tão cedo:

- Diauí, você chegou?
- Eu cheguei.
- Então, está bom.

Sua mãe só o chama de Diauí. Ela evita chamá-lo de Piqui, que é nome de um antepassado do pai do menino. Isso acontece porque as tradições do Xingu exigem um tratamento respeitoso nas relações do casal com os parentes do cônjuge. Qualquer deslize nessa área — falar o nome do sogro ou fazer brincadeira com o cunhado — é muito vergonhoso.

Tratam-se por **sogro, genro, cunhado**. Por isso, quando a criança recebe o nome de um antepassado, precisa ter também um segundo nome para que o outro ramo de sua família também possa chamá-la sem constrangimento.

Quando Piqui-Diauí chegou, Calucumã, o padrasto, já tinha saído para a roça. Ele é um **aueti**, tribo de língua tupi, um homenzarrão alegre que não gosta muito de pescar e acha bom que o enteado faça isso para a família. Calucumã prefere cuidar de suas artes de pajé, no que é muito respeitado, e de sua roça de mandioca, banana e batata-doce, uma das maiores do lugar. Como todo pajé, anda sozinho pelo mato, procurando ervas medicinais. E sempre leva sua velha espingarda 22, para se defender de onça e matar macaco, o único animal que xinguano come. Os índios não comem quadrúpedes, mas "o macaco teve o azar de às vezes andar em pé", explica ele.

Antes de se unir à viúva Acucu, Calucumã foi casado e se divorciou. O divórcio é uma velha instituição local, que funciona naturalmente, sempre que um casal não esteja vivendo em paz. Aparentemente, Calucumã não se importa quando os outros índios lembram a história de seu divórcio. Em geral, quando uma mulher quer se separar do marido, desamarra sua rede e volta para a casa dos pais. Ou, quando está com raiva, põe fogo na rede do marido. Mas a mulher de Calucumã resolveu queimá-lo junto com a rede.

SEQUE



A felicidade é saltar assim para um mergulho espetacular nas águas muito limpas do Tutuari e desvendar todo recanto do rio tranqüilo.



Piqui e seu amigo Acanain aproveitam a areia branca da beira do rio para brincar de lutar huca-huca, o esporte dos índios do Xingu.



A amizade é bela e simples para a pureza de Piqui e Acanain.

Vamos correr lá no varjão e lutar o huca-huca

Ele acordou a tempo de não se queimar muito. Só o bastante para ficar bravo.

Foi para o centro da aldeia e fez um longo discurso para um público que se torcia de rir em suas casas. Entre outras coisas, disse:

— Um homem não pode mais dormir em paz, sem correr o risco de ser queimado. Essa mulher, que não sabe nem fazer beiju direito, pão-dura nas relações sexuais, ciumenta demais, agora seguramente ficou louca. Eu não vivo mais com ela.

Ele nem precisava anunciar a separação, pois àquela hora a mulher já tinha se embrenhado no mato e viajava à casa dos pais, sem nem querer usar o direito de apartear-lo para se defender, conforme a tradição, pois se arriscava a levar uma grande surra.

Mais tarde, Calucumã casou-se com a viúva Acucu, com quem teve duas filhas e parece viver bem, embora algumas pessoas digam que ele não tem sorte mesmo: agora é mandado pela mulher.

O amigo de Piqui

O menino que parou na frente da casa de Piqui e o chamou tinha cabelos mais longos, olhos bem orientais e o rosto de grande beleza. Ele estava carregando um aviãozinho de madeira cujas hélices finas giravam como doidas com qualquer ventinho. Acanain é um indiozinho meinaco, tribo que fala a língua aruaque. Ele e Piqui são amigos apesar de nenhum dos dois falar a língua do outro: ambos se etendem em português. Piqui também saiu com o seu avião e convidando:

— Vamos correr lá no varjão?

Dáí a pouco os dois eram vistos correndo

lado a lado, com o capim pelas canelas, rindo enquanto as hélices de seus aviões davam tudo.

Quando se cansaram dos aviões os dois meninos foram para a água. Atravessaram o rio nadando e Acanain chegou na frente. Piqui propôs então que fôssem mergulhar e pegar peixes dentro das tocas, lá no fundo do rio. Acanain concordou, mas voltou logo à tona dizendo que tinha medo de enfiar a mão nos buracos. Piqui riu e mergulhou. Voltava sempre sem peixe, mas dizia: — Quase.

O rio tinha se enchido de gritinhos alegres, água espirrando para todo lado, começos de lutas que se interrompiam quando uma fôlha seca passava flutuando e era soprada pelos nadadores. De repente, os dois saíram correndo do rio para pedir caramelo a um homem branco que ia passando. Os poucos caraíbas que aparecem por lá estão sempre com os bolsos cheios de balas. Depois, de mãos dadas, Piqui e Acanain andaram à procura do que fazer. Assistiram em silêncio a uma formigona preta arrastar um gafanhoto morto. E Acanain desfez uma imensa teia de aranha que estava pendurada numa árvore.

Acanain já esteve em São Paulo por um mês e meio e Piqui está sempre a lhe fazer perguntas:

— É grande mesmo a aldeia dos caraíbas?

— É muito grande, sim.

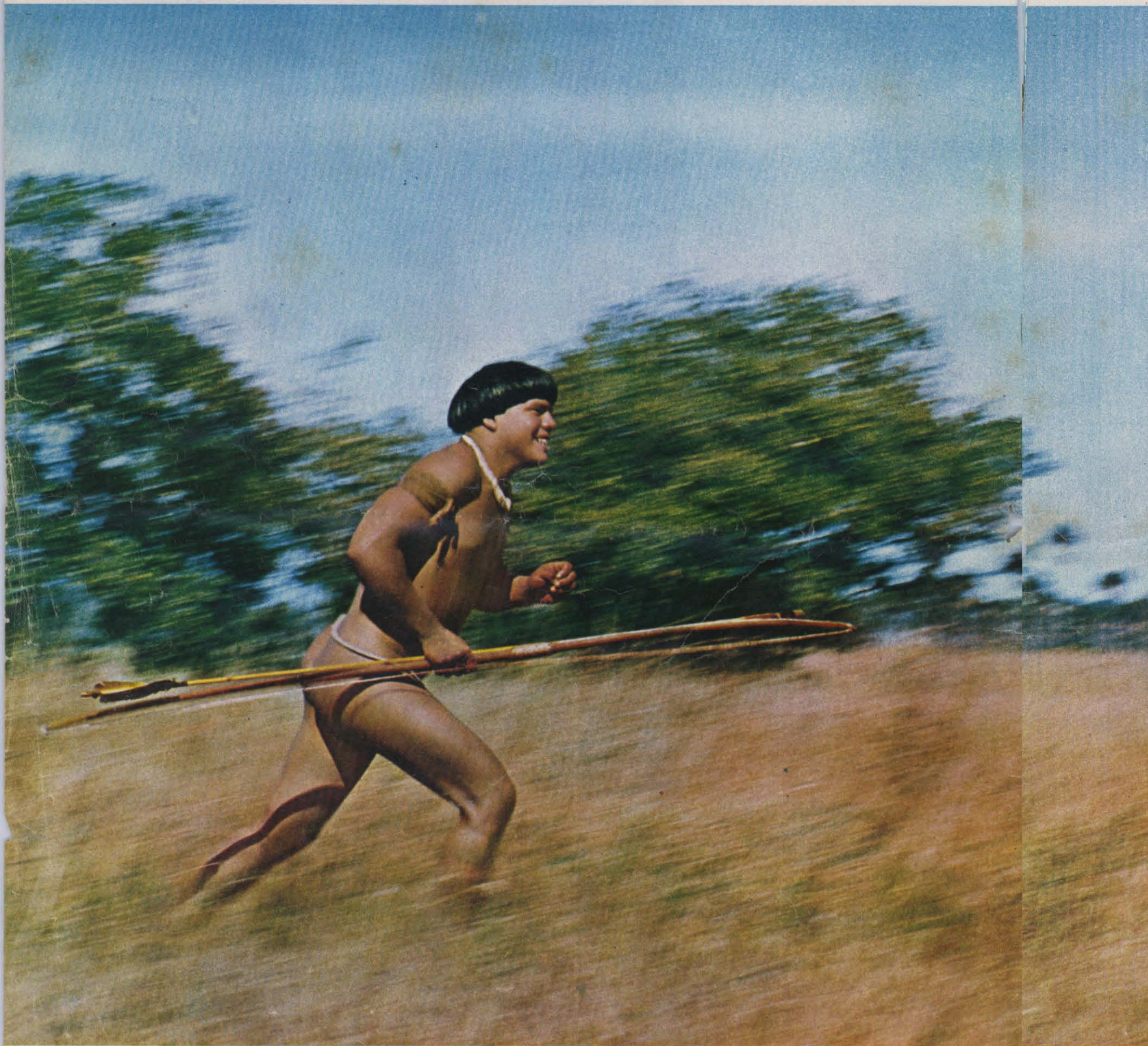
Acanain não consegue explicar para o amigo o que é São Paulo. O outro perguntava de novo:

— Do que você gostou mais?

— De guaraná, uma água doce que vem dentro de um vidro como cachaça, só que não mata.

Para os xinguanos pinga mata. Quando vêem um branco bebendo pinga, aconselham:

— Não beba que você vai morrer. SEQUE



Com 16 anos Aritanã já é mais forte que Canato, seu pai. Um dia ele o substituirá na chefia da tribo e também precisará ser sábio.



De vez em quando Aritanã sai da prisão para ajudar na pesca.

Agora é a vez de Aritanã ser o grande campeão

Depois da hora do sol quente — quando todos os índios somem dentro de casa — Piqui e Acanain foram andar no mato, armados de arcos e flechas com bolotas na ponta, para matar passarinho. Levavam também, para brincar, flecha com bolota furada, que assobia no ar. Conversavam animadamente, iam procurar jatobá, uma fruta farinhenta.

— Olha a onça!

Acanain saiu correndo, Piqui se dobrou de rir. Quando Acanain parou, disse a Piqui:

— Tenho mais medo de onça que de alma.

O amigo olhou-o sério para dizer:

— Eu já matei uma onça com a 22 de Calucumã, mas alma...

— Acanain mudou de assunto:

— Vamos ver o Aritanã?

— Mas ele está prêso para aprender a lutar.

— Que tem isso? A gente vê ele treinar.

Dizem que vence todo mundo.

Piqui ficou indeciso:

— Não sei falar a língua da tribo dêle (iaulapiti), tenho vergonha de ir lá.

— É a mesma da minha tribo, Piqui. Vamos lá.

*Aritanã,
filho do amor*

A aldeia dos iaulapitis estava quase vazia. As mulheres e as crianças tinham ido ao rio se banhar. Só os homens tinham ficado, para tocar **jacuí** (flauta) dentro de uma casinha no centro da aldeia — a casa das flautas — onde a mulher não pode entrar. Piqui e Acanain viram Aritanã no seu cubículo escuro, sentado num banquinho em forma de tatu. Esperava que o chamassem para treinar huca-huca,

o principal esporte do Xingu. Sobre o corpo quase branco, pois Aritanã não tomava sol há três meses, não havia nenhum enfeite. Havia crescido muito: com cerca de 16 anos tinha 1 metro e 80 de altura e uns 80 quilos. Estava imóvel, as mãos abandonadas entre as pernas e o olhar longe dali.

Seu pai, Canato, um iaulapiti inteligente, foi grande lutador. Quando era menino, seu povo — devastado por doenças trazidas pelos caráibas — não tinha mais aldeia e vivia com outras tribos. Canato foi criado um pouco em cada aldeia e nelas aprendeu as diversas línguas e lendas. Hoje ele sabe muito, reorganizou os iaulapitis numa aldeia própria e, mesmo sem ser herdeiro do lugar de chefe, lidera seu povo (umas 40 pessoas) dividindo a chefia com Sariruíá, um grande pajé, a quem chama de irmão.

Aritanã nasceu de um grande amor. Quando era campeão de huca-huca, Canato conheceu Tepori-Amilu, sua primeira mulher. Ela era filha do chefe dos **camaiurás** e casada com um homem influente dessa tribo de língua tupi. Um dia, Canato e Tepori resolveram fugir. Na manhã seguinte, o pai e o marido de Tepori se pintaram com a tinta negra do jenipapo, sinal de disposição para matar, e partiram atrás do casal, pensando em vingança. Não conseguiram encontrá-los.

O tempo abrandou a ira do velho que, não suportando mais a saudade, resolveu conformar-se com o casamento. O casal volta à aldeia e Canato foi tão bom marido e homem empreendedor, que o velho chefe acabou gostando muito dêle: em sinal de grande consideração deu-lhe também a segunda filha em casamento. Com Tepori, Canato teve quatro filhos homens. Aritanã é o primogênito. Com a segunda esposa teve uma filha.



Ele é um bom filho. Só a sua grande tristeza preocupa Canato.

É na luta que se honra a memória dos antepassados

E hoje mais uma mulher mora com Canato: é uma jovencinha iaulapiti, com quem também se casou recentemente. Dela ainda não tem filhos. A poligamia, especialmente o casamento com várias irmãs, é comum entre estas tribos, embora não haja muitos casos. Não é qualquer homem que consegue produção de alimentos para sustentar três mulheres.

O futuro campeão

Acanain sentou-se na rede de Aritanã para esperar a hora do treino. Piqui, mais acanhado, acocorou-se junto à parede. Ao alcance da mão havia peixe e beiju, uma panela cheia de água e a cuia. Acanain perguntou:

— Você se aborrece com a prisão?

— Procuo me distrair fazendo flechas, mas às vezes não tenho nada que fazer e fico aborrecido. Vocês vão ver, quando chegar sua vez.

Os meninos estão entusiasmados, bem que gostariam de começar já. Mas eles não têm certeza, sua vida agora é tão divertida e, além disso, Aritanã está mudado, muito sério e compenetrado.

A sua instrução começou quando ele era muito novo. Canato sempre quis que ele se tornasse um homem importante na comunidade xinguana. E como Sariruí, o outro chefe dos iaulapitis, só tem uma filha, Aritanã é candidato certo à chefia da tribo. Por isso insiste em lhe ensinar tôdas as línguas e explicar as lendas até onde sabe. E anda muito satisfeito, dizendo sempre:

— Ele é mais inteligente do que eu.

A outra razão do preparo de Aritanã é que ele precisa honrar seus antepassados. Seus avós

paterno e materno foram homens de importância, como Canato tem sido. Mas para se tornar um homem forte, corajoso e culto, tem de começar assim: prêso por longos períodos num canto da casa paterna, refletindo sobre as histórias que o pai lhe conta, comendo bastante para desenvolver-se e treinando duramente para ser campeão das lutas, primeiro requisito para tornar-se homem respeitado.

Um pai cuidadoso costuma prender seu filho por períodos de três meses a partir dos 14 e até os 18 anos, para que ele se desenvolva bem. Essa reclusão, quando o pai aproveita para transmitir as tradições e artes manuais, serve também para evitar relações sexuais, consideradas prejudiciais à saúde, nessa idade.

Liberdade sexual

As relações sexuais são fáceis em qualquer tempo entre eles. As moças, depois da reclusão em que ficam pela época da primeira menstruação, ganham uma liberdade sexual razoável. Passam por casamentos temporários com homens influentes da tribo e também mantêm relações com os jovens. Em troca, recebem presentes, sem que isso signifique prostituição. Evitam filhos com ervas que provocam abortos. Depois, casam-se. O casamento não significa o fim da liberdade sexual. Acontecerão relações extraconjugais. Mas se a esposa exagerar, ou fôr apanhada em flagrante, arrisca-se a levar uma surra de pau e ver a sua infidelidade denunciada em praça pública pelo marido. O homem com quem teve relação não sofre nenhuma punição. Depois do escândalo, a paz entre o casal costuma voltar.

SEQUE



Na luta de huca-huca a força de Aritanã quase sempre vence. Mas a sua ingenuidade o prejudica, ainda está longe de ser um campeão.

Ele ainda tem muito que aprender

— Não é verdade que eu estou vencendo todo mundo — disse Aritanã a Acanain. Eu ainda tenho de aprender muito para ser um bom lutador.

Ele estava contando histórias de lutas aos meninos. Seu pai lhe explicara tudo e agora ele conhece até os estilos dos lutadores que foram "campeões do mundo".

Tacumã, atualmente campeão dos camaiurás, era ligeiro e derrubava o adversário com violência até desnecessária. Iaparé, o lutador meinaco, pai de Acanain, lutava tranqüilo e tinha o golpe certo. Caluenê, o **calapalo**, e atualmente campeão do Xingu, é formidável. Canato também teve grandes lutas, mas o preferido de Aritanã é Sariruá, seu tio. Forte, ágil, e elegante, nunca derrubava o adversário. Prendendo-lhe a perna, carregava-o delicadamente para fora do terreiro.

Canato chamou o filho para treinar. Aritanã levantou-se e passou óleo de piqui pelo corpo para ficar escorregadio (enquanto estiver preso não pode se pintar), amarrou tiras de fibra de coqueiro como joelheira e cordões de algodão nos braços e nas pernas. Saiu piscando os olhos para o sol e convidou Iacoo para lutar.

No centro da praça, os dois começaram a girar em roda, frente a frente, roncando como bichos. Ajoelharam-se, deram-se as mãos direitas, enquanto as mãos esquerdas agarraram o pescoço do adversário e as cabeças se apoiaram uma no ombro do outro. Piqui e Acanain ficaram olhando por um buraco na palha da cabana: sentiam vergonha dos adultos. Depois de procurarem se desequilibrar com movimentos para os lados, os lutadores passaram a lutar em pé. As mãos tentavam atravessar a defesa do adversário e apanhar-lhe a perna. Afinal, Aritanã conseguiu. Agarrou a perna esquerda de Iacoo e levantou-o no ar. Depois, resfolegando, vieram sentar-se à sombra da casa.

Canato estava satisfeito, mas dizia:

— Ele precisa treinar muito. Luta bem, mas ainda é ingênuo.

O pai espera muito de Aritanã, filho inteligente e carinhoso. O sonho de Canato é vê-lo chefe respeitado e conseguir a certeza de que depois de sua morte o filho lhe fará um grande **cuarup** para libertar sua alma da terra e poder se reencarnar logo. Mas o abatimento e a tristeza do rapaz deixam o pai inquieto.

Uma grande saudade

Aritanã viveu sete meses e meio em São Paulo, na casa de uma irmã dos Vilas Boas, os irmãos que cuidam do Parque Nacional do Xingu, e há muitos anos defendem a região da invasão dos brancos. Por qualquer motivo, Orlando Vilas Boas não pôde vir buscar Aritanã ao fim de um mês, como faz com os outros indiozinhos que traz para conhecer a terra dos caraíbas. Aritanã tinha uns 14 anos e viveu no meio de gente que o tratava muito bem, dava-lhe presentes, e que também se espantava com a beleza do índio, sua educação e delicadeza.

Ele não consegue se esquecer de que existe outra vida além da aldeia. Essa atração pela vida dos caraíbas é um sentimento muito forte entre os jovens índios (até Piqui, que nunca saiu do Xingu, constrói avião para brincar). Mas para Aritanã é pior porque sua viagem foi longa e boa demais. Principalmente, porque ele conheceu a **menina**, uma moça cujo nome nunca pronuncia, filha de um amigo de Orlando, mas que está viva dentro dele. Desde o comêço, o índio havia se impressionado com ela. Perceberam, perguntaram:

— Você está gostando dela?

— Não! — foi sua resposta envergonhada. Mas estava.

Afinal, Orlando veio buscá-lo. Aritanã disse que queria ficar. O velho amigo, uma espécie de segundo pai, lhe respondeu que ele não en-

tendia nada do mundo dos caraíbas, que ficando em São Paulo ia sofrer:

— Aqui até os caraíbas sofrem, Aritanã.

Em longas conversas Orlando lhe mostrou que aquelas coisas de que tanto gostara — os automóveis, os discos, as festas alegres — não seriam para ele, se aqui ficasse. Aritanã não conseguiu entender, mas prevaleceu a grande confiança no amigo:

— Se Orlando diz que é assim...

O amigo branco lembrou ainda que seus pais iriam ficar muito tristes se Aritanã os abandonasse, ainda mais porque Canato, inteligente como é, saberia que ele não ia ser feliz. Então, Aritanã concordou em voltar.

Alguns dias antes de partir, Aritanã ganhou coragem, telefonou para a casa da menina. Falta de sorte, quem o atendeu foi Orlando. O rapaz reconheceu a voz, despiستou:

— Orlando está?

Orlando também reconheceu a voz do índio:

— Não, não está. Quem quer falar?

Aritanã desligou. No dia seguinte estava com vergonha do amigo, mas este não lhe disse nada.

Canato percebeu a tristeza do filho quando ele voltou. Não cessava de abrir a malinha barata em que, além dos presentes para a família, trouxera uma calça Lee, algumas camisas, uma vitrola de pilha e discos. O pai resolveu continuar logo a educação do rapaz.

Jacaré, com amor

Aritanã estava se balançando na rêde, lembrando com saudade das partidas de futebol que jogava numa ruazinha de Pinheiros, em São Paulo, quando sua mãe entrou para conversar. E ficou espantado quando ela lhe comunicou, amorosa, que lhe arranjara uma noiva. Segundo o costume, os pais podem tratar o casamento de seus filhos desde pequenos. Tepori conseguira para noiva do filho uma menininha, filha de um chefe calapalo. Ela estava muito contente e Aritanã resolveu não magoá-la. Mas depois obteve do pai a promessa de que não o obrigará a se casar antes da hora em que resolver e com a moça de quem goste.

Não queria ter nenhum compromisso, ainda mais agora que mandara um presente para a **menina** e queria saber qual fôra sua reação. Sabendo que Orlando ia para São Paulo, procurou-o com uma caixa amarrada com barbantes. Pediu:

— Orlando, você pode levar este presente para aquela menina?

— Puxa, você gosta mesmo dela, hein? O que há aqui dentro?

— Dois jacarêzinhos que nasceram ontem.

Piqui e Acanain ficaram observando atentamente quando, naquela mesma tarde, depois do treino, Aritanã ligou a vitrolinha e ficou ouvindo durante muito tempo, o mesmo disco dos Beatles. E ao partirem, ao pôr-do-sol, Aritanã lhes fez um pedido:

— Digam ao caraíba que está passando uns dias no Pôsto Leonardo que venha me ver. Quero encomendar a ele mais um disco desses cantores que têm cabelo de índio.

FIM



O aviõozinho de Piqui, a saudade de Aritanã; o paraíso é pouco para os jovens índios.

A viagem dos repórteres Carlos Azevedo e Jorge Butsuem às matas do Xingu foi realizada com a colaboração dos irmãos Vilas Boas. Os dados culturais a respeito das tribos foram confirmados, principalmente, em trabalhos do antropólogo Eduardo Galvão.